

Considerações Finais

O historicismo consistiu na consolidação de uma nova mentalidade histórica, cuja principal e mais conhecida contribuição foi o reconhecimento da historicidade de tudo que se constitui no tempo. Essa percepção de que *tudo é histórico*, por sua vez, trouxe vantagens e desvantagens para o trabalho do historiador. Se por um lado, o historiador ganhou maior clareza de sua tarefa e o objeto histórico ganhou mais densidade – pois agora deveria ser analisado sob suas próprias prerrogativas – também, sofreu as dificuldades de conciliar a pretensão cientificista da história pós-rankiana com o relativismo derivado da descoberta dessa imersão histórica do observador e do objeto analisado.

Não só de relativismo sustenta-se a discussão acerca do historicismo. Para além das controvérsias que confundem o significado do termo e nos levam a uma conclusão, talvez, equivocada, como a provocada pela idiosincrasia de Karl Popper, o estudo do surgimento e constituição do historicismo como prática historiográfica é capaz de nos revelar o que de fato havia de singular neste movimento de idéias e o que distingue nossa perspectiva atual de história daquela pensada por autores como Herder, Humboldt e Ranke.

Este trabalho buscou entender o que o movimento historicista carregava de específico e, na análise de sua origem e desenvolvimento, percebemos que o discurso historicista fundamentava-se em três argumentos principais, a saber, a existência de incontáveis individualidades na composição do mundo; a concepção do movimento histórico como processo de amadurecimento dessas individualidades; e a presença de Deus na história, que através da Providência conferiria sentido ao devir histórico. A relação da religiosidade luterana com a formação do historicismo não consistia apenas na afirmação da existência de um plano divino por trás da história, além disso, o sentimentalismo pietista e o clamor por uma vida religiosa individual contribuíram para a consolidação dessa nova perspectiva sobre o conhecimento histórico, baseada na valorização da individualidade e no esforço epistemológico de compreensão do passado.

A idéia de história e a prática historiográfica no final do século XVIII foram transformadas por uma nova perspectiva sobre o homem e a possibilidade do conhecimento do passado. O homem, ontologicamente definido a partir de sua finitude, não era mais a medida de sua razão, mas a densidade de sua imersão histórica. E o saber sobre a história padecia da mesma incompletude: esse homem que é parte do todo, não pode conhecer o todo, mesmo estando ligado a ele. *Toda a história* só pode ser conhecida por Deus. Ao homem resta a parte. Contudo, não um relance da história, desprovido de sentido, e sim um olhar sobre o todo mediado pelo indivíduo, pelo evento, pelo povo.

Uma das críticas mais interessantes ao fundamento epistemológico do pensamento historicista do século XX é proveniente dos estudos de Gadamer. Para ele, quando o historicismo enunciava a alteridade do passado, mais do que fundamentar a consciência da diferença, a atitude historicista criava uma distância intransponível entre o observador e o seu alvo de estudo. O problema exposto por Gadamer não apontava simplesmente a falácia do “tudo é relativo”, mas pretendia avaliar como o historicista tinha acesso ao passado, e, para ele, o respeito à individualidade do que foi era tão sufocante, que anulava até mesmo o sincero esforço de compreensão desses historiadores.

Para Gadamer, o passado nos alcança por meio da tradição, e como tradição, o passado nos constitui, faz parte do que somos e pensamos. Por isso podemos estudá-lo, compreendê-lo. Gadamer afirmou que a tradição era o caminho para chegar até o passado e, mesmo sabendo o quão singular o passado é, ainda assim poderíamos interceptá-lo por via da tradição.

Talvez essa crítica de Gadamer se aplique, de fato, apenas aos pensadores historicistas do século XX, e não aos aqui analisados. Humboldt, por exemplo, propôs que o historiador usasse sua imaginação para completar aquilo que os documentos não diziam e que só a alma poderia perceber. Para ele o passado poderia ser compreendido por meio da sensibilidade humana. O historiador deveria reconstruir em sua mente a cena histórica que analisava e usar habilidades estritamente humanas para reconstruir esse passado: a sensibilidade, a criatividade, a empatia, enfim, a imaginação.

Ranke também não abdicava ao recurso dramático para criar o cenário de suas narrativas. Contar a história “como realmente aconteceu” era um esforço de compreensão do que estava registrado e do que não estava explícito na fonte. E, se para ele, julgar era proibido, tirar conclusões não. Desse modo, não bastava o historiador mostrar a singularidade dos momentos pretéritos, ele deveria compreendê-los da forma mais ampla possível para conseguir entender sua significação e enxergar suas conseqüências.

Quanto a Herder, seu entusiasmo por Shakespeare era claramente uma escolha pela tradição e era assim que ele pretendia alcançar o passado de sua nação: pela tradição cultural e intelectual a qual pertencia seu povo. O estudo do passado devia informá-lo sobre a constituição de seu povo, e seu passado deveria informá-lo sobre seu presente e o caminho que o povo unido deveria percorrer. O passado como tradição era uma porta aberta, cujo acesso se dava pela aproximação cultural e histórica. Então, se em certas vezes o passado é uma impossibilidade para Herder, em outras ele se mostra por meio da tradição.

Falar em *atualidade* e *inatualidade* do historicismo, em certa medida, é muito mais um esforço em entender o que estamos caracterizando com o termo do que, de fato, a tentativa de investigar suas permanências. Assim sendo, uma vez definido o que entendemos por historicismo, poderemos melhor estabelecer conexões entre suas prerrogativas e nossa atual prática historiográfica.

A atualidade do historicismo continua sendo sua cautela face ao universalismo e ao racionalismo no estudo das humanidades. A negação de regras, de explicações mecânicas e da imutabilidade da natureza humana foi crucial para o distanciamento e a diferenciação entre Iluminismo e historicismo ao longo dos setecentos. Ao declinar do racionalismo de um certo iluminismo, o pensamento alemão lançou mão da experiência da religiosidade pietista e elaborou uma nova idéia de história. Se hoje nos sentimos à vontade para afirmar a impossibilidade da objetividade científica em um trabalho historiográfico, em grande parte, o fazemos como herança de um discurso historicista. E, se ainda assim, acreditamos na validade do que produzimos, talvez seja porque assumimos uma espécie de *compromisso ético*, assim como Ranke, de tentar interferir o menos possível no passado que estamos estudando. Minha tentativa não é afirmar a

historiografia contemporânea como herdeira de Ranke, mas atentar para o fato de que a máxima “como realmente aconteceu” não é tão distante assim do nosso “como pode ter acontecido”. O que nos distancia é uma longa conversa sobre a possibilidade de atingir ou não o passado, de conhecer ou não aquilo que não mais é. Mas Ranke sabia da dificuldade de tocar o passado, talvez só não soubesse ainda que esta tragédia é a riqueza do trabalho do historiador.